

A imigração haitiana na perspectiva da imagem-ação

*Isis do Mar Marques Martins**

1 INTRODUÇÃO

A imagem tem sido frequentemente uso e recurso para reflexão de fenômenos sociais. Na geografia, por exemplo, a imagem muitas vezes é utilizada como analogia do estudo da paisagem, embora não necessariamente. A imagem em grande medida traduz espaços em movimento a partir de uma *perspectiva* - o que faz toda a diferença - mas também pode ser utilizada como dispositivo de controle ou de discursos muitas vezes contraditórios.

Aqui neste artigo optou-se por um exercício. O exercício de entender as dinâmicas da imagem, da fotografia e da interpretação das paisagens, o que pode nos dizer e o que pode nos passar. Bem como nosso papel, como parte deste mundo, em captar e apreender uma imagem como dimensão que torne este inteligível, dotado de luz e lucidez da realidade. Por muitas vezes, sabemos o quanto é difícil, mas a proposta aqui é tornar este exercício mais usual, mais necessário nas ciências como um todo.

Nesse sentido, por que utilizar a perspectiva da imagem-ação?

Esse termo é utilizado como um dos processos de captura e ação da imagem por Gilles Deleuze (1983) em "Cinema: a imagem-movimento" para apreender o laço do que ele denomina como imagem-movimento, em alusão ao cinema e às potencialidades que o cinema nos traz como categorias filosóficas. Neste artigo nos deteremos à construção do processo da imagem-ação, na compreensão de Gilles Deleuze que a captura da imagem implica o movimento múltiplo.

O movimento múltiplo é algo que procurou-se trabalhar na tese intitulada Do Haiti ao Brasil: estratégias de mobilidade e permanência em grupos migrantes, captando a pluralidade das estratégias de migrantes e agentes sociais que participam diretamente do fluxo migratório e do processo de permanência. As

** A autora é geógrafa, mestre em geografia, doutora em planejamento urbano e regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e atualmente é pós-doutoranda na mesma instituição do doutorado pelo programa Nacional de Pós-Doutorado CAPES. Pesquisadora vinculada ao Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios - NIEM (IPPUR-UFRJ).*

Contato: isis.marinha@gmail.com

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

estratégias de mobilidade e permanência reúnem as práticas e os agenciamentos de grupos migrantes na tentativa de construir suas relações no lugar em que chegam. Elas coexistem com outras estratégias de mobilidade e permanência que são produzidas no bojo das suas. O Estado tem suas estratégias, o mercado idem, sociedade do lugar em que chega também. A questão que tem de se aprofundar e ser provocada é o porquê dessas estratégias serem opostas, entrarem em conflito, tornando as de migrantes, principalmente migrantes pobres, inimigas às demais.

O objetivo deste artigo é, assim, analisar as estratégias de mobilidade e permanência de grupos migrantes no Brasil, em especial haitianos, entendendo que tais estratégias podem ser absorvidas e interpretadas por fotografias, por imagens e por interpretações diversas do real. Obviamente não se reflete um processo migratório como um todo, mas como já exposto, é também um exercício de alteridade e empatia, tão necessário às políticas de migração no país e a visão posta para a sociedade do que é o migrante e do que é a imigração.

2 A IMAGEM COMO RECURSO PARA ANÁLISE DA MIGRAÇÃO E SEUS DESDOBRAMENTOS

A imagem-movimento é o processo último dessa captura que combina a sequência de imagens-ação e que traz à tona a identidade e identificação com as emoções. Há, segundo Deleuze (1983), três espaço-tempos importantes para essa captura que leva à imagem-movimento do cinema: imagem-afecção, imagem-ação e imagem-movimento. Atento para os dois primeiros, que revelam a potência da imagem fotográfica e da pintura, por exemplo. Nesses dois laços de análise e vislumbre da imagem, há uma série de caminhos que permitem ao observador captar uma interpretação da fotografia. O interesse envolve, para ele, uma rusticidade, um impulso que leva àquela imagem ter atenção, chamar atenção do público.

Ainda conforme Deleuze (1983), a captura dessa rusticidade se inicia quando algo da imagem é captada e paralisada pelo olhar do observador. No momento em que ocorre essa captura a imagem deixa de se tornar um objeto e torna-se objeto de emoção do sujeito. É quando o afeto transporece.

O afeto é a entidade, isto é, a Potência ou a Qualidade. É um expressado: o afeto não existe independentemente de algo que o exprima, embora dele se distinga inteiramente. O que o exprime é um rosto ou um equivalente de rosto (um objeto rostificado); ou até mesmo uma proposição. Chama-se “ícone” o conjunto do expressado e de sua expressão, do afeto e do rosto (DELEUZE, 1983, p. 114).

Quando Deleuze aponta que o afeto é a entidade, é que para ele a entidade é o que representa o todo que leva ao observador exprimir a emoção na imagem. Seja tristeza, raiva, alegria etc. É algo que eleva aquela imagem a outros

espaços, ou ao que ele define de um lugar sem um espaço definido. É quando a imagem transcende e significa. Este é o laço da imagem-afecção, quando o afeto impulsiona e a imagem não é mais um objeto.

Sejam quais forem suas implicações mútuas, distinguiamos, portanto, dois estados das qualidades potências, isto é, dos afetos: enquanto são atualizados num estado de coisas individuado e nas *conexões reais* correspondentes (com tal espaço-tempo, *hic et nunc*, tais caracteres, tais papéis, tais objetos); enquanto são expressados por si mesmos, fora das coordenadas espaço-temporais, com suas singularidades próprias ideais e suas *conjunções virtuais*. A primeira dimensão constitui o essencial da imagem-ação e dos planos médios; mas a outra dimensão constitui a imagem-afecção ou o primeiro plano. O afeto puro, o puro expressado do estado de coisas, remete de fato a um rosto que o exprime (ou a vários rostos, ou o equivalente, que acolhe e exprime o afeto como entidade complexa e assegura as conjunções virtuais entre pontos singulares desta entidade (o brilhante, o cortante, o terror, o enternecido...) (DELEUZE, 1983, p. 120-121).

Da imagem-afecção a imagem-ação transforma toda aquela referência de afeto em um processo, em uma sistematização da informação. É quando a imagem é interpretada e o exercício da alteridade transparece. A imagem-ação, nesse sentido, é o resultado desse exercício de alteridade e de empatia com as questões reais e que são escamoteadas pelo contraditório, pelos agenciamentos que mascaram a realidade que em muitos casos não são definitivamente mostradas como realidade.

Quando as qualidades e potências são apreendidas enquanto atualizadas em estados de coisas, em meios geográfica e historicamente determináveis, entramos no campo da imagem-ação. O realismo da imagem-ação se opõe ao idealismo da imagem-afecção. [...] Como vimos, a primeira desenvolve-se no par Espaços quaisquer-Afetos. A segunda se desenvolverá no par Meios determinados-Comportamentos. [...] Uma pulsão não é um afeto porque é uma impressão, no sentido mais forte, e não uma expressão; mas ela também não se confunde com os sentimentos ou as emoções que regulam e desregulam um comportamento. Ora, é preciso reconhecer que este novo conjunto não é um simples intermediário, um lugar de passagem, mas que ele possui uma consistência e uma autonomia perfeitas, que fazem até com que a imagem-ação permaneça impotente para representá-lo, e a imagem-afecção impotente para fazê-lo sentir (DELEUZE, 1983, p. 143).

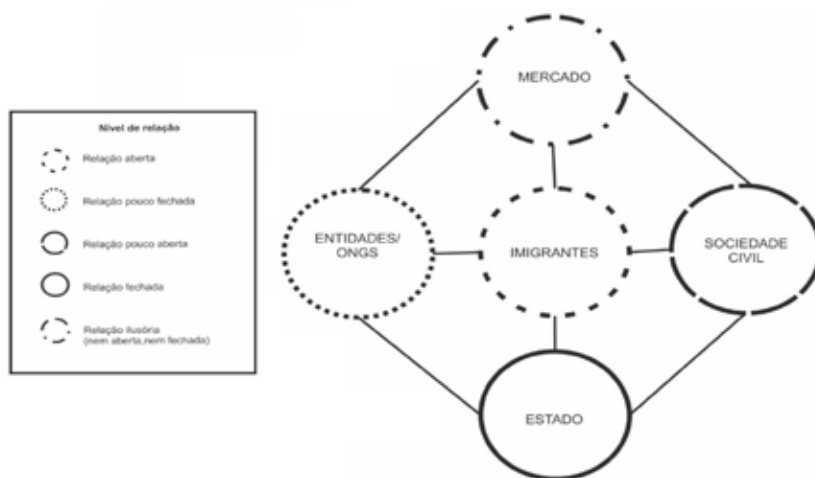
Dessa maneira, depreendemos as realidades hoje no Brasil que são escamoteadas por vários desses agenciamentos. O que mais nos importa é tratar e depreender no caso dos grupos migrantes no país. Mas não só um grupo especificamente oriundo de um determinado país ou origem. Refiro-me aqui aos migrantes pobres, que entre o final do século XX e meados do século XXI tem se destacado nas estatísticas de entrada e permanência aqui. Como esses migrantes são captados pelo Estado, pela mídia, pela sociedade e por si próprios?

Vimos, no caso dos migrantes haitianos, uma série de notícias e imagens que muitas vezes ratificavam sua vinda ao Brasil como algo constrangedor, ou invasivo, ou de caráter ofensivo, seja por um discurso de escasso acolhimento, ou o contrário, de uma benevolência excessiva. Dentre todas as formas apresentadas e representadas por imagens, raras foram as perspectivas pelo movimento político que grupos haitianos impulsionaram a partir de suas estratégias de mobilidade e permanência.

3 MIGRANTES NO BRASIL: SUAS ESTRATÉGIAS DE MOBILIDADE E PERMANÊNCIA

Pensemos na articulação dessas estratégias a partir de agentes sociais que mais se encontram com o imigrante, quer seja o Estado, o mercado, as entidades e organizações não governamentais e o restante da sociedade civil. Trabalharemos com mapas conceituais que articulam agentes sociais partícipes do processo migratório no país. Não se tratará aqui de esboçar um histórico desse processo, pois tal articulação não é novidade em outros trabalhos (MAMED, 2016; MARTINS, 2018; THOMAZ, 2015; VIEIRA, 2014; CONTIGUIBA, 2014; HANDERSON, 2015, dentre outros).

Mapa 1: Níveis de relação entre agentes sociais selecionados.



Fonte: Leituras e trabalhos de campo. (Elaboração nossa).

O Mapa 1 aponta as imbricações políticas das estratégias de mobilidade e permanência em diferentes agentes. O imigrante, central na relação, possui um nível aberto, indicando receptividade não só enquanto grupo minoritário, passivo e ativo à política migratória, mas também elemento necessário à sua estratégia de mobilidade. Seus desejos e interesses são postos conforme a atuação das demais estratégias.

Entretanto, os variados níveis de relação não condizem com a abertura dos imigrantes. O acolhimento se dá pelas entidades e organizações não-governamentais, no primeiro suporte ou nas denúncias às violências de toda ordem contra os desequilíbrios dos diversos níveis entre agentes.

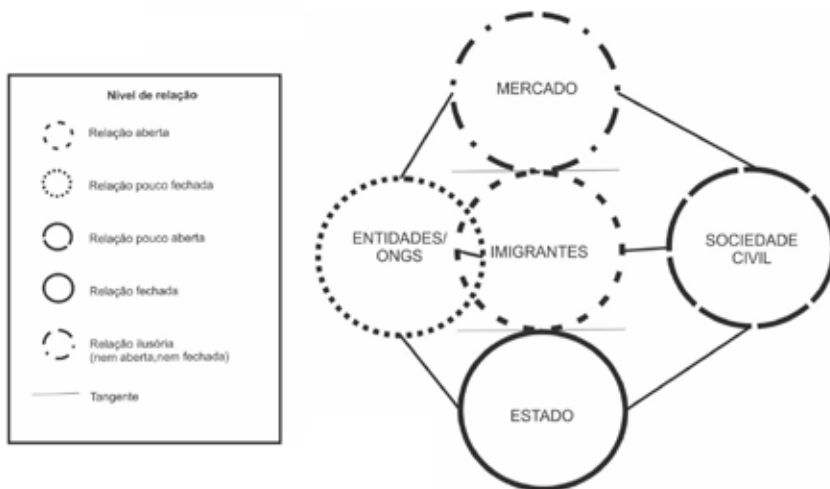
O Estado, na análise geral, apesar de possuir redes de solidariedade muito próprias, espaços de reivindicação e avanços graças às estratégias como as dos haitianos, ainda está na ordem fechada. As demandas entregues por imigrantes para o Estado requerem mudanças estruturais, mas que em muitos casos são mudanças simples que, apesar do diálogo, amadurecem pouco ou muito pouco quando analisamos a efetivação das estratégias de permanência migrantes.

A necessidade de absorver e compreender as estratégias migrantes requer níveis mais complexos e profundos da relação, que ainda perfaz pelo personalismo e pelo interesse do mercado e de quem está no poder. Isso fica claro ao analisar o restante da sociedade civil, que possui uma relação pouco aberta, pois a partir das estratégias de grupos migrantes, em grande medida, fica à mercê dos demais agentes, da mídia, dos discursos e práticas que em muitas situações são escamoteadas pela herança social construída em relação à migração no Brasil e/ou pelas faces do preconceito, como bem definidas nas impressões desde o Acre até a região sul do Brasil, pelos haitianos.

O mercado possui um nível ilusório, porque apesar de supor tão aberto quanto ao nível da relação dos imigrantes, restringe-os e promove a exploração e a submissão que os prende a somente seu nível. Em convivência com o Estado, o mesmo se constrói em semelhante patamar ilusório.

Todos os agentes aqui apresentados não estão fixos e estarão sempre nesses níveis de relação. Seus agenciamentos mudam conforme a maturação ou não do nível de relação. Talvez desses, o Estado é o que mais se modifica conforme suas práticas e discursos. A absorção e porosidade das relações é indicada a cada círculo, que nas relações apontadas nesta tese são ora fragmentadas, ora tangenciadas, formando o esquema do Mapa 2.

Mapa 2 :Níveis de interação entre agentes sociais selecionados

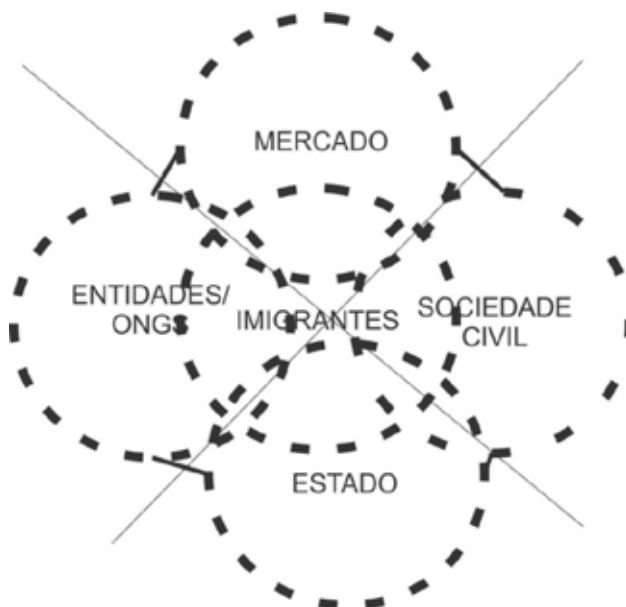


Fonte: Leituras e trabalhos de campo. (Elaboração nossa).

No Mapa 2 é possível perceber a complexidade dos diferentes níveis de interação entre agenciamentos. As entidades e organizações não governamentais conseguem de forma mais clara a intersecção com imigrantes, ao ponto de se transformarem em atores fundamentais em suas redes sociais. Estado e mercado encostam, formando uma tangente dúbia, que aproxima, mas ao mesmo tempo promove o choque e o conflito de interesses entre os agenciamentos dos imigrantes. O restante da sociedade aqui se torna distante porque em grande medida sua tangente e sua intersecção não têm escala de representação, isto é, ainda são baixas suas interações.

Pode-se empreender que o ideal é uma política pública que abarque o imigrante em sua complexidade, em sua multiplicidade e que consiga remover as contradições entre agenciamentos, indicando constructos de cidadania, democracia e vida, amarrando suas potencialidades, o desenvolvimento territorial e político que esses imigrantes promovem constantemente em seus processos diaspóricos (HANDERSON, 2015), em suas estratégias de mobilidade e de permanência. Seria portanto um processo político pensado coletivamente entre agenciamentos, em que o conflito não deixe de existir, que a discussão possa evoluir para propostas públicas de inserção e promoção social, de transformação da dimensão do mundo entre sociedade civil e Estado, em que a gestão das políticas migratórias contemple os desejos, os agenciamentos, as estratégias migrantes dos imigrantes.

Mapa 3: Relação em que se constrói o encontro político entre agentes.



Fonte: Leituras e trabalhos de campo. (Elaboração nossa).

No Mapa 3 é possível perceber que existe uma articulação completa entre agentes no mesmo patamar no nível da relação. Mas isso não indica que eles são uma unidade coesa, já que a tangente passa por todos, e indica que o embate e o conflito promovem a amplificação de suas questões e a promoção política. Embora pareça muitas vezes utópico, não é impossível nem complexo demais para efetivar-se.

Essa efetivação não se dá a partir de sua criminalização, do devir problema, da ideia de roubo e usurpação identitária, social, territorial. A mobilidade e a condição de migrante se articulam produtivamente, e não representativamente. Tal como as possibilidades da produção desejante, o ato de migrar é também um ato de resistência.

4 IMAGEM-AÇÃO DE HAITIANOS NO BRASIL

Agora vamos ao exercício propriamente dito! A intenção aqui é mostrar sob a ótica da imagem-ação as estratégias de mobilidade e permanência de grupos migrantes - no caso do Haiti ao Brasil (MARTINS, 2018), e que as estratégias de demais agentes que interagem direta e indiretamente com migrantes, em grande medida, estão em desacordo, e incitam a um panorama contraditório e escamoteado dos processos migratórios. Analisemos, sobretudo, três estados do Brasil: Acre, São Paulo e Rio Grande do Sul.

Sabemos que as políticas de imigração no Brasil possuem uma série de acontecimentos que alicerçaram perfis migratórios entre os séculos XIX e XX (SEYFERTH, 2002, 2005, 2007; MARTINS, 2018; etc.). Das heranças de fluxos migratórios de grupos europeus, do final do século XIX para início do século XX, hoje esse processo é visto de forma valorizada, principalmente em muitos lugares, nos quais, antes, os migrantes eram criticados por suas diferenças em relação aos moradores locais. Essa mudança se dá, sobretudo, por esse perfil muito específico – o migrante branco, europeu – em diferença, inclusive, aos novos migrantes, latino-americanos, caribenhos e africanos. A fotografia abaixo é de uma placa de meados do século XX e que é conservada até hoje no Estado do Rio Grande do Sul, em especial na chamada Serra Gaúcha:

Foto 1: Placa homenageando imigrantes no séc. XIX no estado do Rio Grande do Sul.



Fonte: Trabalho de campo em fevereiro de 2018.

Nessa mesma região, migrantes haitianos estabeleceram-se principalmente pela maior demanda de determinados postos de trabalho. Essa intensidade também se destaca na Região Sul pela autonomia da produção e do repasse dado nacionalmente e internacionalmente, que se equipara com a diversidade – produção agrícola, agroindustrial, têxtil, metal-mecânica, dentre outros.

Outro contexto que se aplica a imigração mais presente no Sul se dá pela ascensão econômica e social, sobretudo da classe baixa e média no Brasil nas últimas décadas, que promoveu a qualificação do trabalho, desocupando postos mais insalubres, como no caso dos trabalhadores das fábricas e de frigoríficos. A diminuição pela procura por esses postos permitiu o empresariado local rearranjar as estratégias de tais setores quanto ao mercado de trabalho. Esse quadro tem-se modificado muito pela crise política no Brasil intensificada a partir de 2015 (MARTINS, 2018).

Ao mesmo tempo, várias são as questões apontadas por migrantes haitianos quanto à permanência nessas localidades, sobretudo o frio – que abarca mais que o frio sentido fisicamente, mas também o frio e a hostilidade dos moradores da região – e as más condições oferecidas por esses locais para imigrantes como os haitianos. Isso fica clarificado nas imagens 2 e 3, a seguir:

Foto 2: Baz no centro de Caxias do Sul – RS, chuva e 8°C de temperatura



Fonte: Trabalho de Campo em Julho de 2015

Foto 3: Bairro Navegantes, em Encantado – RS: local de moradia de migrantes haitianos na cidade. 7°C de temperatura.



Fonte: Trabalho de Campo em Julho de 2015

A Foto 3 ratifica a distinção territorial de direitos em que muitas vezes os imigrantes que se consolidam nessa região enfrentam. Neste caso, este local é a entrada do bairro Navegantes, local mais procurado para moradia entre haitianos que precisam de uma habitação barata e menos burocrática, diante das adversidades encontradas para alugar na cidade.

As adversidades estão sempre no limiar e na essência das políticas e dos atos políticos do Estado e do mercado para haitianos no Brasil. Como se fosse necessário passar por estas para viver e permanecer no país, ser um entre nós. O que é discordante da própria perspectiva da migração de haitianas e haitianos e muitas outras nacionalidades, que possuem no bojo de suas estratégias de mobilidade e permanência um ato político de opção por uma vida melhor. A imagem 4 revela um pouco o potencial dessas estratégias:

Foto 4: Haitianos na Chácara Aliança, em Rio Branco-AC



Fonte: Trabalho de Campo em Fevereiro de 2015

Na entrada do abrigo para imigrantes em viagem via fronteira amazônica, a dimensão de mundo transparece quando se coloca um mapa-mundo à sua frente. Lá eles vislumbram seus sonhos e suas trajetórias e compreendem, ainda que parcialmente, a capilaridade e seu potencial como estratégia de mobilidade.

O que muitas vezes é sufocado, como vimos, pelos diversos agenciamentos que contrariam uma efetiva legitimidade na entrada e aporte de migrantes no país. Ao mesmo tempo que o abrigo possibilitava uma entrada mais digna, como na fala dos agentes ali representados pelo Estado, as imagens e a situação dos migrantes não era nada confortável. Muitas vezes, mostram o constrangimento, o cotidiano sempre a espera, isto é, na expectativa de melhores dias. As Fotos 5 e 6 apontam com mais sensibilidade esta dimensão, que também escancara a situação, a atitude do migrante como vulnerável, o que realmente se efetiva diante das contradições e dos discursos de encontro aos desejos desses migrantes.

Foto 5: Haitianos na Chácara Aliança, em Rio Branco-AC



Fonte: Trabalho de Campo em Fevereiro de 2015

Foto 6: Haitianos na Chácara Aliança, em Rio Branco-AC



Fonte: Trabalho de Campo em Fevereiro de 2015

5 CONSIDERAÇÕES

A reflexão a partir da imagem-ação, desta forma, viabiliza pensar não somente de maneira maniqueísta, mas sempre o que se está por trás, os desdobramentos de um processo que é plural, que é diverso.

A partir do exposto, tem-se quatro perspectivas do cenário da diáspora haitiana no Brasil na interface da sociedade brasileira, que extrapola o borrão acolhimento/preconceito. É salientada pela capilaridade destes, mas também às análises já pesquisadas dessa migração e seus reflexos no país. A ordem dessas perspectivas acompanha o grau de complexidade do processo de inserção dos imigrantes nas respectivas regiões estudadas neste trabalho – Norte, Sudeste e Sul – e suas classificações diante do cenário nacional – a Região Norte com um grau mais intenso de dependência e pouca interação com o dinamismo econômico do capital, e Sudeste e Sul como integrantes majoritários da região concentrada, conforme Santos e Silveira (2001).

A primeira perspectiva, com grau menos acentuado de complexidade, é a migração de haitianos via senso comum. A opinião mais simplória que envolve o discurso da “invasão”, junto ao papel da mídia em assimilar esse discurso e envolver parte da sociedade em uma campanha de defesa ao brasileiro em relação ao haitiano. É também a perspectiva do preconceito rotineiro contra o imigrante haitiano, que difunde as supostas doenças trazidas na região Norte, as ameaças nos postos de trabalho do Sul e os olhares enviesados entre gerações de imigrantes italianos e alemães, por exemplo. É de menor complexidade porque, ao ratificar esse tipo de preconceito, a análise é parcial e dependente, mas é o que mais acompanha os espaços da migração não só no Brasil, mas no cenário mundial.

A segunda perspectiva, que envolve certo grau de consciência das agruras da chegada de grupos migrantes, é do acolhimento aos haitianos, seja pelas organizações e entidades promotoras de suporte a migrantes internos e internacionais no Brasil, pelas entidades religiosas – católicas ou protestantes – ou por parte da população brasileira.

O trabalho desses agentes, muito disseminado e articulado, ajudou também no processo de capilaridade e no apoio reivindicativo, assim como na consolidação do caráter associativista de grupos haitianos. É também o que repassa conhecimento e conscientização da chegada de caribenhos e/ou de africanos nas cidades pequenas, como as que haitianos vivem no sul do Brasil. Ademais, como apontado, o que possibilitou a garantia de sustento e de consolidação das estratégias de permanência de haitianos no país.

A terceira perspectiva possui um grau mais complexo porque está amarrada às duas perspectivas anteriores no sentido do preconceito e do acolhimento. É a perspectiva do capital e do empresariado, cujos interesses na atuação de imigrantes em suas empresas envolvem a conjuntura da urgência da garantia de permanência destes.

É conveniente aos seus interesses o direcionamento do trabalho quando a superexploração pode se tornar a tônica, ainda mais com as dificuldades da língua e o preconceito de parte de funcionários brasileiros. É a perspectiva que se articula com a do Estado (quarta perspectiva) que, em alguma medida, se exime do acolhimento e responde ao trabalho como o caminho mais viável à imigração, sem considerar outros agenciamentos e toda a trajetória de estratégias da diáspora haitiana.

REFERÊNCIAS

- CONTIGUIBA, G. C. **Imigração haitiana para o Brasil**: a relação entre trabalho e processos migratórios. Dissertação de mestrado em História e Estudos Culturais. Porto Velho: Fundação Universidade Federal de Rondônia, 2014.
- DELEUZE, G. **Cinema 1**: a imagem-movimento. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1983.
- HANDERSON, J. **Diaspora**: as dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa. – Tese de doutorado em Antropologia. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2015.
- MAMED, L.; L, E. O. Movimento de trabalhadores haitianos para o Brasil nos últimos cinco anos: a rota de acesso pela Amazônia Sul Ocidental e o acampamento público de imigrantes do Acre. In: BAENINGER, R. et al. (Org.). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.
- MARTINS, I. M. M. **Do Haiti ao Brasil**: estratégias de mobilidade e permanência em grupos migrantes. – Tese de Doutorado em Planejamento Urbano e Regional. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.
- SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil**: território e sociedade no século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SEYFERTH, G. et al. **Mundos em movimento**: Ensaio sobre migrações. Santa Maria: Ed. UFSM, 2007.
- _____. Imigração e (re) construção de identidades étnicas. **Cruzando fronteiras disciplinares**. PÓVOA NETO, H.; FERREIRA, A. P. (Org.). Rio de Janeiro: REVAN, 2005.
- _____. Imigração e a questão racial no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n.53, 2002. p. 117-149.
- THOMAZ, D. Z. **A categoria do refugiado revisitada**: transformações na soberania estatal e o caso da migração haitiana para o Brasil. Dissertação de mestrado. PPGRJ/PUC-RJ. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/Instituto de Relações Internacionais, 2015.
- VIEIRA, R. **Itinerâncias e governo**: a mobilidade haitiana no Brasil. Dissertação em Antropologia/ Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS/, 2014.

RESUMO

A imagem e a fotografia têm sido propositivas para análise e reflexão do mundo vivido. Nesta premissa, o objetivo deste artigo é, assim, analisar as estratégias de mobilidade e permanência de grupos migrantes no Brasil, em especial haitianos, entendendo que tais estratégias podem ser absorvidas e interpretadas por fotografias, por imagens e por interpretações diversas do real. Obviamente não se reflete um processo migratório como um todo, mas é também um exercício de alteridade e empatia, tão necessário às políticas de migração no país e à visão posta para a sociedade do que são o migrante e a imigração. Analisar-se-á assim imagens fotográficas de trabalhos de campo entre os anos de 2015 e 2018 nos estados do Acre e Rio Grande do Sul, onde, pela consolidação de seus coletivos, as estratégias de mobilidade e permanência são um dos mais incisivos. Pretende-se, desta forma, transpor o conhecimento acadêmico para aproximarmos cada vez mais de uma proposta efetiva de transformação da realidade.

Palavras-chave: Haitianos; Imagem; Fotografia; Estratégias de Mobilidade e Permanência.

ABSTRACT

The image and the photograph have been propositive for analysis and reflection of the lived world. In this premise, the objective of this article is to analyze the strategies of mobility and permanence of migrant groups in Brazil, especially Haitians, understanding that such strategies can be absorbed and interpreted by photographs, by images and by different interpretations of the real. Obviously, a migratory process is not reflected as a whole, but it is also an exercise in alterity and empathy, so necessary to migration policies in the country and to society's vision of what migrants are and migration. We will analyze photographic images of fieldwork between the years 2015 and 2018 in the states of Acre and Rio Grande do Sul, where, through the consolidation of their collective, mobility and permanence strategies are one of the most incisive. In this way we intend to transpose academic knowledge in order to get closer and closer to an effective proposal of reality transformation.

Keywords: Haitians; Image; Photography; Strategies of Mobility and Permanence